

## **Abrindo as portas para o dialeto carioca**

*Sandra Maria Oliveira Marques*

Universidade Federal do Rio de Janeiro/CAPES/CNPq

### **1. Introdução**

Imperativos representados por elementos de ordem natural (clima, solos, etc.), ações políticas e acontecimentos sócio-econômicos sempre foram importantes fatores que definiram e moldaram o comportamento da população quanto à mobilidade no espaço geo-econômico. Tais deslocamentos representam um campo fértil para a verificação de mudanças na linguagem pois, segundo Weinreich (1953), muitos dos processos lingüísticos ocorrem durante o contato sócio-cultural.

Pesquisas que investigam a variação e mudança lingüística sob os efeitos da migração nas comunidades contemporâneas têm adquirido cada vez mais espaço na paisagem sociolingüística. Muito já se falou sobre o contato entre línguas mas, em meados dos anos 80, um estudo realizado por Trudgill (1986) sobre o contato entre dialetos abriu caminho para inúmeros trabalhos sobre esse tema, sobre koineização, mudança por contato induzido e formação de novos dialetos em muitos lugares ao redor do mundo.

Tal trabalho foi inovador na medida em que enumerou os benefícios de aliar as análises dos processos de acomodação a uma análise lingüística mais detalhada baseada em dados quantitativos. Tais benefícios seriam, entre outros: uma idéia mais exata do grau de acomodação lingüística; o exame dos traços lingüísticos que estão ou não mudando durante a acomodação; o estudo dos limites da acomodação – quais são as restrições lingüísticas (em oposição às sociais e psicológicas) na acomodação e se é possível se acomodar totalmente a uma nova variedade.

Apesar desse caráter inovador, segundo Milroy (2002), a pesquisa sobre os dialetos em contato só foi explorada com alguma profundidade em meados dos anos 90. Só então pesquisadores identificaram a necessidade da existência de modelos sociolingüísticos capazes de capturar mudanças que acompanhassem a mobilidade social e geográfica, característica da última metade do século XX, que permite que os falantes tenham acesso à prática lingüística e social de comunidades distantes.

Buscando trazer uma contribuição, investiga-se, neste trabalho, a relação que se estabelece durante o contato entre duas variedades do português falado no Brasil, ou seja, entre o dialeto paraibano e o dialeto carioca, dentro da cidade do Rio de Janeiro. Tal relação é marcada por muitas diferenças, geográficas, econômicas, culturais, sociais, lingüísticas, e, sendo assim, verificam-se os caminhos lingüísticos trilhados pelos migrantes paraibanos quando expostos a uma nova realidade.

Os informantes que compõem o *corpus* desta pesquisa, 10 no total, são todos falantes adultos (18 a 49 anos) do sexo masculino e que migraram depois dos 15 anos de idade. Foram reunidos em grupos, segundo o tempo de migração: 1 a 4; 5 a 10; mais de 10 anos ininterruptos de residência no Rio de Janeiro. Os dados foram submetidos ao pacote de programas VARBRUL (PINTZUK, 1988), que consiste em um conjunto de programas idealizados para a análise de fenômenos variáveis, vistos à luz da chamada teoria da variação.

Apesar de o lingüista Fernando Tarallo (*apud* Leite e Callou, 2002, p. 51) afirmar que no português brasileiro existem “sotaques sintáticos”, as diferenças que chamam de imediato a atenção de qualquer usuário de uma língua são as de pronúncia. Portanto, o objeto de estudo desta análise é a verificação da produção variável das vogais pretônicas /e/ e /o/. Essa variação constitui um dos fenômenos demarcadores entre esses dois dialetos.

No Brasil, há vários trabalhos sobre esse tema, dispondo-se, portanto, de uma boa sistematização. Objetiva-se, com isso, saber se i) os falantes submetidos ao contato dialetal conservam inalterada sua gramática ou a substituem pela da comunidade acolhedora e ii) como se configura o comportamento lingüístico do migrante no intervalo de dez anos de contato.

## 2. As médias pretônicas:

Será examinado o comportamento das vogais pretônicas /e/ e /o/ em sílabas inicial e medial de vocábulo, nos padrões silábicos -CV- e -CVC-, comportamento esse que se traduz na variação i: ê: é \ u: ô: ó, apresentados aqui respectivamente pelos termos altas ([i], [u]), médias ([ê], [ô]) e baixas ([é], [ó]).

Ex.:	(1)	pr [i] firo,	inv [i] stir	(alta)
	(2)	s [u] frimento,	in [u] cente,	(alta)
	(3)	l [e] vantar,	lib [e] rdade	(média)
	(4)	m [o] tivo,	val [o] rizar	(média)
	(5)	d [ɛ] pende,	cont [ɛ] rrâneo	(baixa)
	(6)	j [ɔ] rnal,	inf [ɔ] rmado	(baixa)

Os vários trabalhos sobre esse tema reforçam a idéia geral de que o /e/ e /o/ pretônicos recebem uma pronúncia predominantemente fechada (médias) nas regiões Sul-Sudeste, enquanto no Norte-Nordeste prevalece uma realização mais aberta (baixas). Antenor Nascentes (1953), por exemplo, já considerava a alternância das pré-acentuadas como um divisor de águas entre os falares do Norte e os do Sul do Brasil.

Para reforçar essa idéia, Cardoso (2003) faz um breve apanhado de uma grande quantidade de trabalhos que abordam esse assunto nas mais diversas localidades do Brasil (Amazonas, Pará, Acre, Ceará, Natal, Paraíba, Pernambuco, Sergipe, Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul). Ao fim, apresenta um quadro da tendência geral da realização das vogais

pretônicas /e/ e /o/ no português brasileiro, onde se pode realmente visualizá-las como a/uma linha demarcatória entre grupos de regiões. Percebe-se, também, que a produção de vogais altas não se mostra como uma marca de diferenciação regional.

Região	Estados	Vogais Baixas	Vogais Médias	Vogais Altas
NORTE	AMAZONAS	•		
	PARÁ	•	*	
	ACRE	•		
NORDESTE	CEARÁ	•		
	R. G. DO NORTE	•		
	PARAÍBA	•		
	PERNAMBUCO	•		
	ALAGOAS	•		
	SERGIPE	•		
	BAHIA	•		
SUDESTE	MINAS GERAIS	•	*	
	RIO DE JANEIRO		*	
	SÃO PAULO		*	
SUL	PARANÁ		*	
	R. G. DO SUL		*	
CENTRO-OESTE	M. G. DO SUL		*	

Em um trabalho de que apresenta uma descrição acústica do sistema pretônico de cinco capitais brasileiras, Recife, Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo e Porto Alegre, Moraes, Callou e Leite (1996) mostram que, em relação aos traços anterioridade/posterioridade (eixo horizontal), a capital que apresenta variações significativas é o Rio de Janeiro, cujas vogais altas anterior e posterior são mais periféricas. Além disso, as maiores diferenças entre os cinco dialetos foram percebidas na análise do traço de altura (eixo vertical): São Paulo e Salvador apresentam um sistema mais polarizado, com uma distância acústica maior entre [i], [a] e [u], em oposição a Porto Alegre e Recife, com menor polarização, e ao Rio de Janeiro, numa posição intermediária.

Por esse trabalho, portanto, confirma-se que esses traços não são responsáveis por marcar as diferenças entre regiões, no que diz respeito às vogais. Vê-se pelos resultados da análise acústica que os pares São Paulo (Sudeste) e Salvador (Nordeste), Porto Alegre (Sul) e Recife (Nordeste) apresentam comportamentos semelhantes, o que contraria o agrupamento do ponto de vista articulatório: São Paulo se aproximaria de Porto Alegre e Salvador de Recife.

Na maioria dos trabalhos sobre esse tema, foi levantada a questão da harmonização vocálica, que é um processo fonológico, uma regra de assimilação regressiva que atinge as vogais pretônicas em função da altura de uma vogal subsequente. Segundo Schwindt (2002, p. 162), “esse processo pode elevar (medida ~ midida) ou abrir/abaixar as

vogais (*novela* ~ *nOvela*), de acordo com a altura da vogal propulsora do processo." A representação autosegmental desse processo mostrou tratar-se de uma única operação na árvore, de espriamento /assimilação de traço, tendo como consequência a alteração de um traço de abertura ([aberto 2]) da vogal média.

Callou, Leite e Moraes (1995), com base em dados do projeto NURC, afirmam que, na fala culta do Rio de Janeiro, a realização das pretônicas [é] e [ó] atingiu o percentual de 5%, o que vale dizer que predomina a realização das médias ([ê] e [ô]) e altas ([i] e [u]), obviamente com 95% das ocorrências registradas.

Leite, Moraes e Callou (2004) identificaram ocorrências de pretônicas baixas ([ê], [ó]) nos dados, mas fora do contexto em que era previsível (palavras derivadas, em cuja base houvesse uma vogal baixa acentuada, ex. p[é]zinho, s[ó]zinho). Embora o *input* geral tenha sido muito baixo (.04), assim mesmo causou surpresa a sua ocorrência. Sugerem que se trata de um processo em sua fase inicial no Rio de Janeiro e que se generaliza a harmonização vocálica: vogais médias podem se realizar como altas no ambiente de vogais altas e como baixas no ambiente de vogais baixas.

Em João Pessoa, capital da Paraíba, conforme Pereira (1997), as variantes baixas [é], [ó] são majoritárias no dialeto pessoense, apesar de haver ocorrência significativa de variantes altas [i] e [u] e médias [ê] e [ô], que estão sempre subordinadas à presença de vogais de mesma altura na sílaba subsequente. Pereira (*op cit*) afirma que isso evidencia que é o princípio da harmonização vocálica que rege a variação da pauta pretônica no dialeto pessoense.

Com base nos resultados apresentados por essas duas comunidades de fala, pode verificar-se, portanto, as alterações na fala dos migrantes paraibanos, fala essa que está convergindo ao dialeto carioca (conforme for a produção de variantes médias), ou está preservando a sua identidade lingüístico-cultural (se prevalecerem as pretônicas baixas).

### 3. Resultados:

Neste trabalho foram examinadas 595 realizações da vogal /e/ e 408 da vogal /o/, perfazendo o total de 1003 ocorrências, distribuídas da seguinte forma:

TABELA 1: VOGAL ANTERIOR					
[é]		[ê]		[i]	
Aplic/total	%	Aplic/total	%	Aplic/total	%
309/595	52	207/595	35	79/595	13

TABELA 2: VOGAL POSTERIOR					
[ó]		[ô]		[u]	
Aplic/total	%	Aplic/total	%	Aplic/total	%
259/408	63	78/408	19	71/408	17

O que se pode depreender é que as realizações de variantes baixas são, ainda, as mais produzidas pelos migrantes paraibanos. Pereira (1997) aponta que a distribuição (decrecente quanto à quantidade) dessa variação em João Pessoa se dá da seguinte forma: [é] → [i] → [ê]; [ó] → [u] → [ô]. As tabelas 1 e 2 mostram que essa ordem foi um pouco alterada: [é] → [ê] → [i]; [ó] → [ô] / [u]. Comparando-se os resultados, tem-se:

TABELA 3	[é] / [ó]	[ê] / [ô]	[i] / [u]
Pereira (1997) sobre o dialeto pessoense	44% / 42%	21% / 22%	34% / 35%
Paraibanos residentes no Rio de Janeiro	52% / 63%	35% / 19%	13% / 17%

Os dados de Pereira (tabela 3) mostram um comportamento bastante simétrico entre as pretônicas /e/ e /o/. No que se refere aos paraibanos residentes no Rio de Janeiro, essa simetria, embora com menores valores do que as do dialeto pessoense, só pode ser vista entre as variantes altas ([i] e [u]).

Com relação às pretônicas baixas e médias, pode-se perceber que o caráter simétrico que existe na comunidade de fala pessoense não existe na fala dos indivíduos deslocados do seu contexto original, ou seja, na fala dos migrantes. Tal disparidade representa um jogo lingüístico, com razões sociais intrínsecas, entre a identidade cultural do migrante (marcado pelas variantes baixas) e o prestígio que a obtenção de traços do dialeto carioca possivelmente possa oferecer-lhe (marcado pelas variantes médias).

No que tange às diferenças de valores entre as não-recuadas (/e/) e as recuadas (/o/), a primeira tende mais à variante média ([ê]) e menos à baixa ([é]) do que a segunda, que tende à baixa ([ó]) mais do que qualquer outra variante.

Adant (1989, p. 194) realizou um trabalho em que verificou o comportamento de alagoanos residentes em Brasília perante as vogais pretônicas e a manutenção das oclusivas alveolares /t/ e /d/ diante de /i/. Os resultados revelaram mudanças fonológicas importantes, mas também a conservação do dialeto nordestino em grau significativo. No que diz respeito às vogais, a porcentagem da variante baixa da não-recuada (43%) é menor do que a da recuada (54%). Comportamento semelhante ao que foi encontrado nesta pesquisa.

Em sua conclusão, Adant (p. 197) afirma que as oclusivas alveolares /t/ e /d/ apresentaram mudanças mais significativas que as outras variáveis. A partir disso, faz conjecturas sobre essa variável ser mais saliente que as vogais pretônicas /e/ e /o/.

Auer *et alli* (1998) afirma que o que é percebido por um falante como 'saliente' em uma variedade é substituído mais facilmente e mais rapidamente por outra do que o que é percebido como 'não-saliente'. Afirmam ainda que traços 'mais salientes' da variedade do migrante, por exemplo, podem ser perdidos mais rapidamente do que os que são 'menos salientes'. Os autores apontam que a saliência é um bom prognóstico da perda e aquisição de traços de um dado dialeto por falantes de um outro dialeto.

Dessa forma, de acordo com os resultados obtidos e corroborados por outro trabalho, pode-se pensar na pretônica não-recuada (/e/) como mais saliente que a recuada (/o/), sendo, portanto, o alvo de mais rápidas modificações em direção ao dialeto acolhedor, que é marcado pelas variantes médias. A vogal recuada, por sua vez, apresentou-se como menos vulnerável ao processo de contato dialetal.

No que se refere a questões extralingüísticas, no início da década de 80, Bortoni (1989) ao realizar um trabalho – cujo objeto de estudo eram os migrantes originários da zona rural da região do Alto Paranaíba em Minas Gerais e radicados em Brazlândia, cidade satélite de Brasília – verificou a aplicação da análise das redes sociais no estudo de variação e mudança lingüística, procurando demonstrar sua utilidade no caso de comunidades jovens, onde há um intensivo e variado contato dialetal. Em seguida, observou o processo de difusão dialetal no repertório lingüístico dos informantes, à luz das características de suas redes sociais.

Seus resultados demonstram que, quanto mais ajustado o migrante ao seu novo ambiente social, mais ampla a sua rede de relações tende a ser, e que quanto maior o número de pessoas com as quais o migrante está ligado, por laços diretos e indiretos, mais adiantado ele estaria no processo de difusão dialetal.

Levando-se em consideração essas observações, embora não se use a abordagem das redes sociais neste trabalho, espera-se que o período de tempo em que o migrante seja submetido ao contato intenso esteja ligado ao seu ajustamento sociolingüístico em direção à comunidade acolhedora. Sendo assim, almeja-se que o fechamento das vogais pretônicas alcance índices maiores na fala dos migrantes que estão há mais de cinco anos expostos ao processo de contato. Pode-se visualizar, através da tabela 5 a seguir, o comportamento obtido nesse grupo de fatores.

TABELA 5: Tempo de permanência no Rio de Janeiro			
	[é] / [ó]	[ê] / [ô]	[i] / [u]
	%	%	%
1 a 4 anos (2004-1999)	50 / 70	30 / 11	20 / 19
5 a 10 anos (1998-1994)	53 / 60	40 / 25	08 / 16
+ de 10 anos (1993-...)	58 / 70	06 / 04	36 / 26

Pela tabela 5, percebe-se que o índice de variantes baixas foi preponderante em todos os períodos observados. O que se pode visualizar, também, é que o comportamento lingüístico dos informantes que chegaram ao Rio de Janeiro entre 1994 e 2004 é diferente do comportamento dos informantes que chegaram em anos anteriores. Conforme os dados, os primeiros têm uma necessidade maior de acomodação do que estes. Talvez devido ao fato de o mercado de trabalho atualmente ser mais exigente quanto à aparência, postura, linguagem, escolarização das pessoas, para qualquer tipo de trabalho, do que em outras épocas.

“Naquela época era mais fácil. Podia trabalhar sem documento, até com dezessete anos. Sem precisar nem de reservista. Hoje em dia, está mais complicado. Só trabalha mais através de concurso, essas coisas. (...) Eu cheguei (...) fui logo arrumando emprego. Agora, têm muitos que não conseguem. Não têm estudo, não têm conhecimento. Porque hoje em dia é através do conhecimento.” (Depoimento de um informante com mais de 10 anos de residência no Rio de Janeiro. Ex-agricultor. Atualmente trabalha como porteiro e tem de 0 a 4 anos de escolarização)

O fator de integração do falante na nova comunidade, mencionado por Bortoni (1989), não pode ser medido pelo tempo de residência do migrante nessa comunidade, pois, pela tabela 5, verifica-se que não há correspondência. Se assim fosse, a variante característica do dialeto carioca ([ê], [ô]) estaria presente, e com altos índices, na fala dos informantes com mais de 10 anos de contato.

A questão da saliência do /e/ também pode ser visualizada na tabela 5. Já desde o primeiro período de contato, a fala do migrante tende, além do [é], para a variante [ê]. Quando se trata da variante recuada, nesse período, a presença de [ó] é muito alta, e o índice de [ô] é inferior ao de [u].

Na segunda fase, a produção da variante [i] é incipiente, e o [ê] ganha ainda mais vigor. A produção de [ô] só supera a de [u] depois dos 4 anos de contato, mas os valores de [ó] ainda continuam elevados. A recuada /o/, portanto, é mais resistente à acomodação.

#### 4. Considerações finais:

Muito já se falou sobre as vogais médias pretônicas, mas parece que esse assunto é uma fonte inesgotável. Pelo menos no Brasil, já se pode ter uma radiografia sociolinguística bem extensa de seu comportamento dentro do território. Este trabalho procura fazer uso de algumas dessas descobertas para observar o desempenho dessa variável através de um outro prisma, o do contato dialetal.

O que se pode verificar é que o espaço de dez anos que afastou o paraibano do seu ambiente original não é suficiente para apagar seus traços culturais, que estão marcados, por exemplo, por uma tendência maior à produção de [é] e [ó] pretônicos, como um símbolo de identidade linguística. Entretanto, esse tempo é suficiente para perceber a dinâmica de uma nova variante, que marca a fala dos migrantes atuais, que é a variante de prestígio do dialeto carioca: [ê] e [ô].

Percebeu-se, também, que a pretônica não-recuada baixa ([é]) é mais saliente na fala do migrante, marca mais a sua fala, que é estigmatizada na região Sudeste, do que a recuada baixa ([ó]), por isso ela é mais vulnerável ao processo de acomodação linguística do que a outra.

Situar o migrante no tempo é de extrema importância para entender os mecanismos do contato. O intervalo que vai da segunda metade da década de noventa a início dos anos 2000, mostrou alterações importantes no comportamento linguístico do

migrante, que, evidentemente, está atrelado ao novo comportamento social que esse deve ter perante as exigências do mercado de trabalho da atualidade, que não eram tantas em outras épocas. A flexibilidade, a capacidade de abrir suas fronteiras, suas portas a um novo ambiente, a novas culturas, a uma nova variedade lingüística, enfim, são aspectos que caracterizam o homem da atualidade dentro do mundo globalizado.

Estudos que abordam o contato entre dialetos de uma mesma língua se fazem necessários na medida em que pode fornecer evidências e dados importantes à verificação de princípios que estão envolvidos no processo de adaptação sociolingüística. Dessa forma, contribui não apenas para elucidar aspectos da mudança, mas também para aumentar a compreensão acerca dos mecanismos envolvidos na acomodação lingüística.

### Referências Bibliográficas

- ADANT, J. (1989) Difusão dialetal: o caso dos alagoanos em Brasília. In: TARALLO, F. (org.). *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas (SP): Editora da Unicamp, p. 181-197.
- AUER, P.; BARDEN, B.; GROSSKOPF, B. (1998) Subjective and Objective Parameters determining 'salience' in Long-term Dialect Accommodation. *Journal of Sociolinguistics* 2/2. Oxford: Blackwell, p. 163-187.
- BORTONI, S. M. (1989) A migração rural-urbana no Brasil: uma análise sociolingüística. In: TARALLO, F. (org.). *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas (SP): Editora da Unicamp, p. 167-180.
- LEITE, Y.; CALLOU, D. (2002) *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- MILROY, L. (2002) Introduction: Mobility, contact and language change – Working with contemporary speech communities. *Journal of Sociolinguistics* 6/1. Oxford: Blackwell, 3-15.
- MORAES, J.; CALLOU, D.; LEITE, Y. (1996) O sistema vocálico do português do Brasil: caracterização acústica. In Kato, M. (org.). *Gramática do português falado*. Vol. V: Convergências. Campinas (SP): UNICAMP / FAPESP.
- NASCENTES, A. (1953) *O linguajar carioca*. 2.ed. Rio de Janeiro: Simões.
- PEREIRA, R.C. (1997) *As vogais médias pretônicas na fala do pessoense urbano*. Dissertação de Mestrado. João Pessoa: UFPB / CCHLA / Curso de Pós-Graduação em Letras.
- PINTZUK, S. (1988) *Varbrul Programs*. 40fl. Mimeo.
- SCHWINDT, L. C. (2002) A regra variável de harmonização vocálica no RS. In: BISOL, L.; BRESCANCINI (org.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p.161-182.
- TRUDGILL, P. (1986) *Dialects in Contact*. Oxford: Blackwell.
- WEINREICH, U. (1953) *Languages in Contact*. New York: Linguistic Circle.